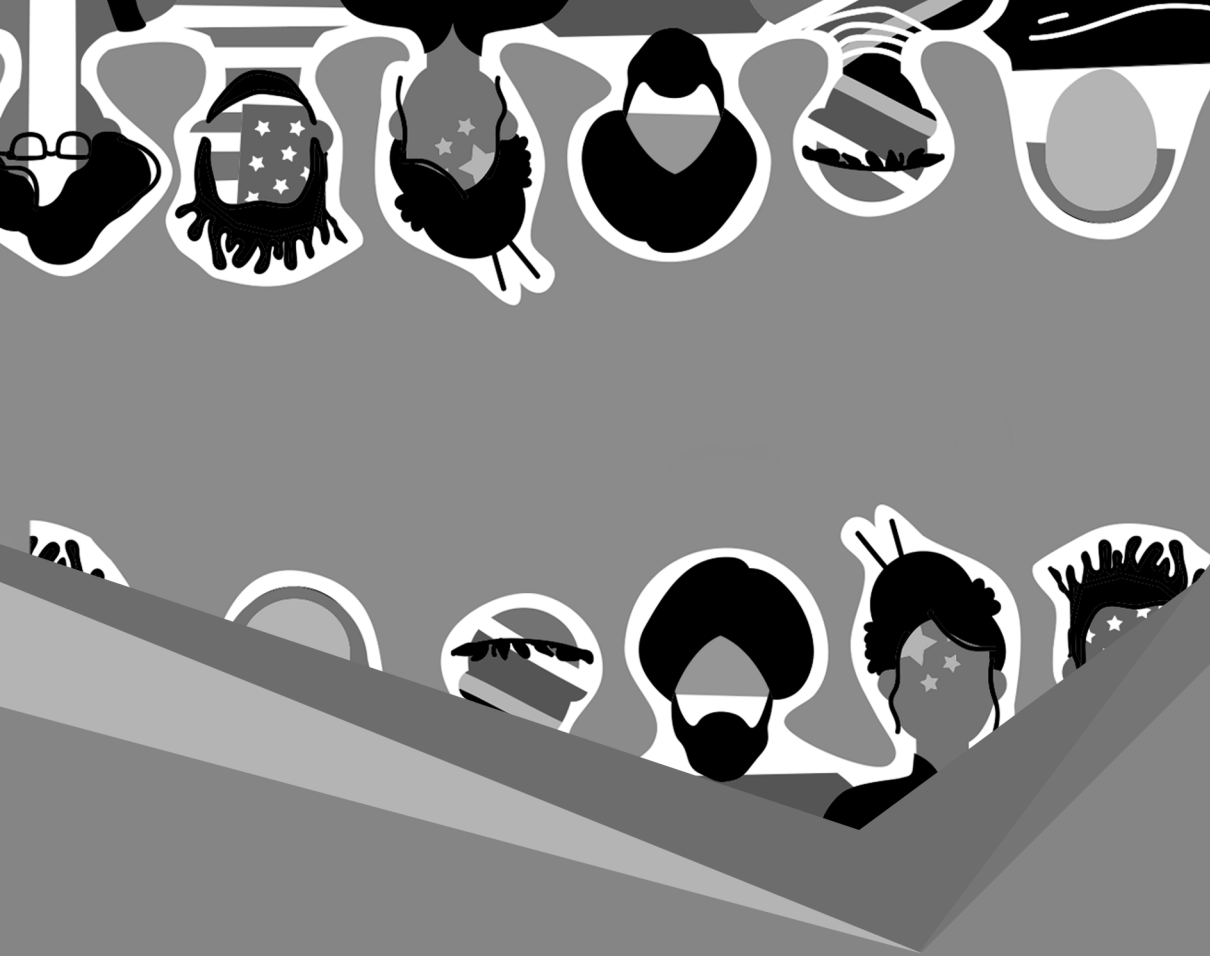




FATIMA SABRINA DA ROSA  
(ORGANIZADORA)

# FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 2

 **Atena**  
Editora  
Ano 2020



FATIMA SABRINA DA ROSA  
(ORGANIZADORA)

# FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 2

 **Atena**  
Editora  
Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Vanessa Mottin de Oliveira Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Fatima Sabrina da Rosa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

F339 Fenomenologia e cultura: identidades e representações sociais 2 / Organizadora Fatima Sabrina da Rosa. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-487-0

DOI 10.22533/at.ed.870202610

1. Fenomenologia. 2. Cultura. I. Rosa, Fatima Sabrina da (Organizadora). II. Título.

CDD 142.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A presente obra apresenta uma coleção de nove textos de diferentes pesquisadores e instituições do país preocupados com questões relativas à cultura e à produção de identidades. Apresenta uma abordagem transdisciplinar e tem por objetivo a divulgação de investigações científicas com vistas à popularização da produção acadêmica e sua maior inserção social, de modo que o formato e-book favorece essa intenção por oferecer amplo acesso.

A riqueza desta coletânea reside no fato de que, tendo como ponto focal a cultura e a produção de identidades, o conjunto dos textos traz diferentes metodologias e técnicas de pesquisa entre elas a História Oral e a Arqueologia Etnográfica, bem como Análise de Discurso. Além disso, os textos aqui apresentados trazem cenários empíricos muito distintos, que atravessam o Brasil de Sul a Norte, tratando de mapear diferentes formas de vida e organização cultural, para os quais, em conformidade com a ponto de vista da fenomenologia, os autores elegeram os métodos mais adequados de investigação de acordo com o fenômeno que buscavam captar e descrever. De modo que o conjunto dos textos demonstra a amplitude do campo de investigação que abarca os estudos sobre cultura, representações sociais, identidades e seus desdobramentos. De modo que se faz necessário destacar alguns pontos importantes em cada contribuição trazida nesta coletânea.

O primeiro texto, **Representação social do manguezal durante ritual de cura/pajelança num terreiro de Tambor de Mina em São Luís, Maranhão**, traz uma importante reflexão acerca da profunda relação entre o ecossistema manguezal e as práticas religiosas da comunidade que o territorializa, bem como reflete sobre a forma como elementos fundamentais deste ecossistema se fazem representados nos rituais por eles efetuados, incidindo, por consequência, na identidade coletiva desta comunidade.

A comunicação de número dois, **Cultura e Conflito: Intersecções entre o popular e os processos de hibridização no cenário dos Bondes de Porto Alegre**, realiza uma breve apreciação teórica sobre os conceitos de cultura de forma geral, cultura popular e cultura maciça, bem como apresenta o cenário social dos Bondes de Porto Alegre (sociabilidade juvenis), os quais utilizam do conflito como forma de lograr espaços de projeção para suas identidades culturais utilizando-se de um manejo dos formatos popular e maciço em processos de hibridação.

Já o texto **Uma Proposta Contra Hegemônica: O Etnodesenvolvimento como instrumento de valorização cultural**, realiza uma importante crítica sobre a noção de Desenvolvimento Sustentável atentando para as nuances etnocêntricas e capturadas pelo discurso capitalista que o termo engendra. Em substituição, os

autores propõem o paradigma do etnodesenvolvimento, segundo o qual seguiriam preservadas as práticas e crenças das comunidades tradicionais, possibilitando o desenvolvimento associado à autonomia cultural.

Do mesmo modo, a relação entre cultura e desenvolvimento aparece na investigação **Feiras Agroecológicas: que relações se desenvolvem nesses espaços?** na qual os autores apresentam as estruturas relacionais que se organizam a partir de formas de produção, comércio e consumo não-convencionais. O Estudo de Caso, levado a cabo com famílias de uma associação de produtores agrícolas e seus respectivos clientes, ressaltou as relações sociais intrínsecas em que vínculos são construídos e reforçados na interação promovida pelas feiras.

O texto **A Complexidade dos Direitos Humanos em educação no processo migratório da América Latina** realiza um debate acerca do tema do multiculturalismo na América Latina, associado com o tema da educação em Direitos Humanos e da teoria da complexidade. Para tanto realiza uma breve pesquisa bibliográfica que abarca questões ligadas a globalização como as migrações recentes e a urgência de pensar a educação levando em consideração esses novos contextos multiculturais.

A semelhança do que acontece com o primeiro texto da coletânea, a investigação etnográfica **Os Ribeirinhos do Rio Mapuá, Arquipélago de Marajó: modos de vida, cosmologia, práticas materiais e simbólicas** ressalta a relação entre os elementos do território habitado e as práticas materiais e simbólicas perpetradas pela comunidade. Além disso, a relação passado/presente e a noção de memória é destacada pela autora para descrever a forma como as comunidades tradicionais do Mapuá significam suas práticas e configuram sua identidade cultural.

De modo semelhante, a noção de memória aparece destacada no texto **Manuel Bandeira e os prenúncios da morte**. Nesta análise, a noção de memória é trazida para explicitar a forma como a identidade de Bandeira se constitui numa relação tensa entre passado e presente, bem como na ausência de futuro. Desse modo, o texto convida o leitor a observar trechos da obra de Bandeira em que as representações sociais sobre a morte e a memória de episódios ligados a perdas afetivas constituem um processo de formação da identidade do autor.

Ainda refletindo sobre a memória na formação das identidades, a comunicação **Mídia, narrativas e memória transfronteiriça na vivência pessoal**, trata de explicitar a forma como as memórias individuais se entrelaçam com experiências coletivas na formação de identidades e representações de pessoas que vivenciaram o contexto de fronteira no estado do Rio Grande do Sul. Essa narrativa é construída a partir da descrição do processo de construção de um documentário realizado com os entrevistados em questão.

Também ambientada em um contexto fronteiriço, a comunicação **Preâmbulo**

**da queda do presidente do Paraguai na TV brasileira e no imaginário da fronteira Paraguai-Brasil** é didática na forma como apresenta a interferência das representações midiáticas no modo como as identidades nacionais são concebidas. A análise traz trechos de discursos da mídia e de entrevistas realizadas pela autora, em ambos lados da fronteira, nos quais se destacam as interferências promovidas pelas informações veiculadas na maneira como a população paraguaia e brasileira passa a ver a situação política no país vizinho, a qual se relaciona com a forma como configuram sua identidade cultural.

Embora tratem de contextos e métodos muito diferentes, cabe destacar que as investigações aqui apresentadas convergem no sentido de apresentar a noção de representações sociais como fundamental para a configuração das identidades e da forma como indivíduos se veem e se inserem no mundo de forma individual ou coletiva.

A pesquisa e a escrita que envolve o tema da cultura e das representações exige, acima de tudo, um olhar sensível e atento às especificidades das coletividades observadas. Ainda que utilizando diferentes abordagens, o somatório dos trabalhos ressalta a importância das formas de organização coletiva, das relações, representações sociais e da memória na produção e manutenção das identidades culturais. Nesse sentido, acredita-se que a coletânea oferece a possibilidade de perceber a amplitude do campo de investigação da cultura e compreender a riqueza do trabalho elaborado a partir da inserção atenta e comprometida com contexto de estudo e os sujeitos envolvidos.

Fatima Sabrina da Rosa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO MANGUEZAL DURANTE RITUAL DE CURA/ PAJELANÇA NUM TERREIRO DE TAMBOR DE MINA EM SÃO LUÍS, MARANHÃO	
Flávia Rebelo Mochel	
Edson Vicente da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8702026101	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
CULTURA POPULAR E OS BONDES: INTERSECÇÕES ENTRE O POPULAR E OS PROCESSOS DE HIBRIDIZAÇÃO	
Fatima Sabrina da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.8702026102	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
UMA PROPOSTA CONTRA HEGEMÔNICA: O ETNODESENVOLVIMENTO COMO INSTRUMENTO DE VALORIZAÇÃO CULTURAL	
Leonardo Augusto Couto Finelli	
Rânely Nayara Pereira Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.8702026103	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
FEIRAS AGROECOLÓGICAS: QUE RELAÇÕES SE DESENVOLVEM NESSES ESPAÇOS?	
Adilson Tadeu Basquerote	
Eduardo Pimentel Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.8702026104	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
A COMPLEXIDADE DOS DIREITOS HUMANOS EM EDUCAÇÃO NO PROCESSO MIGRATÓRIO DA AMÉRICA LATINA	
Rosa Elena Bueno	
Araci Asinelli-Luz	
Adão Aparecido Xavier	
Jenifer Cristina Bueno	
Alessandra de Paula Pereira	
Tatiane Delurdes de Lima-Berton	
DOI 10.22533/at.ed.8702026105	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>55</b>
OS RIBEIRINHOS DO RIO MAPUÁ, ARQUIPÉLAGO DE MARAJÓ: MODOS DE VIDA, COSMOLOGIA, PRÁTICAS MATERIAIS E SIMBÓLICAS	
Eliane Miranda Costa	
DOI 10.22533/at.ed.8702026106	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>68</b>
MANUEL BANDEIRA E OS PRENÚNCIOS DA MORTE Vitor Hugo da Silva DOI 10.22533/at.ed.8702026107	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>79</b>
MÍDIA, NARRATIVAS E MEMÓRIA TRANSFRONTEIRIÇA NA VIVÊNCIA PESSOAL Ada Cristina Machado Silveira Bernardo Abbad da Rocha Suélen de Lima Lavarda DOI 10.22533/at.ed.8702026108	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>89</b>
PREÂMBULO DA QUEDA DO PRESIDENTE DO PARAGUAI NA TV BRASILEIRA E NO IMAGINÁRIO DA FRONTEIRA PARAGUAI-BRASIL Roberta Brandalise DOI 10.22533/at.ed.8702026109	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>105</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>106</b>

# CAPÍTULO 2

## CULTURA POPULAR E OS BONDES: INTERSECÇÕES ENTRE O POPULAR E OS PROCESSOS DE HIBRIDIZAÇÃO

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 21/07/2020

**Fatima Sabrina da Rosa**

Cidade do México

<http://lattes.cnpq.br/5925129133799577>

**RESUMO:** Este texto tem como objetivo, primeiramente, discutir a noção de cultura a partir de alguns referenciais fundamentais como Terry Eagleton, Jesús Martin-Barbero, Renato Ortiz e Raymond Williams. Também pretende colocar em discussão as expressões “cultura popular” em Martin-Barbero e “hibridização” em Peter Burke e, por fim, analisar as formas como a cultura se organiza em determinados espaços, sejam esses locais ou globais no que diz respeito à apropriação de aspectos em modos de vida e ação tendo como pano de fundo as manifestações dos *Bondes* (sociabilidade delitivas juvenis) de Porto Alegre.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura popular - hibridização- sociabilidades juvenis- periferia- conflito.

**ABSTRACT:** This text aims, first, to discuss the notion of culture based on some fundamental references such as Terry Eagleton, Jesús Martin-Barbero, Renato Ortiz and Raymond Williams. It also intends to discuss the expressions “popular culture” in Martin-Barbero and “hybridization” in Peter Burke and, finally, to analyze the ways in which culture is organized in certain

spaces, whether local or global with regard to appropriation, of ways of life and action against the backdrop of the manifestations of the Trams (juvenile criminal sociability) of Porto Alegre.

**KEYWORDS:** Popular culture - hybridization- youth sociability - periphery- conflict.

### 1 | INTRODUÇÃO: O COMPLEXO CONCEITO DE CULTURA

Cultura, segundo Eagleton (2005), está entre as palavras mais complexas da nossa língua e é colocada atualmente como derivada ou como oposta ao termo natureza, considerado, então, o mais complexo. Sua relação com a natureza aparece já na busca pela definição do próprio conceito de cultura, o qual é inicialmente ligado ao trabalho no campo, denotando uma atividade de transformação do mundo natural. Desse modo, passa por um longo desenvolvimento até chegar ao sentido, quase abstrato, que hoje temos da palavra, uma vez que “denotava de início um processo completamente material, que foi depois metaforicamente transferido para questões do espírito” (EAGLETON, 2005, p.10), transportando consigo os resquícios de uma longa transição histórica da humanidade.

Para Williams (1992), a ideia de cultura é primeiramente vista como processo, também ligada à ideia de cultivo. Nesse caso, cultura remeteria à sua origem rural em que denota um cultivo da terra e, na sua transposição para a sociedade urbana, a cultura seria algo que

a mente humana deve sempre manter cuidadosamente, o que a associa à ideia de civilização. A cultura como civilização traria consigo um problema semântico que seria denotar uma teleologia evolutiva pela qual os grupos passariam para desenvolver-se culturalmente, ligada ao espírito do iluminismo em que a cultura faria parte de um escopo de noções capazes de representar a ideia de culto à erudição.

Civilização era em grande parte uma noção francesa – então, como agora, supunha-se que os franceses tivessem o monopólio de ser civilizados – e nomeava tanto o processo gradual de refinamento social como o *télos* utópico rumo ao qual se estava desenvolvendo (EAGLETON, 2005, p. 20).

Mas, como Williams nos mostra, a partir do século XVIII, a cultura aparece, particularmente nos idiomas inglês e alemão, como a configuração ou o modo de vida característico de um povo. Foi Herder o primeiro estudioso a empregar o termo “culturas” para distanciá-lo do primeiro sentido de cultivo da civilização (que teria um tom unilinear e imperialista) e erigir um sentido plural sobre a cultura, podendo ser visto em diferentes povos com desenvolvimentos também diferenciados. Herder nega o universalismo da cultura vista pelo Iluminismo e se volta para as identidades particulares. Segundo Eagleton (2005), Herder associa a palavra cultura, no seu sentido universalista, à luta social entre a Europa e suas colônias. Estariam na base do conceito plural de Herder, o idealismo alemão e a crítica marxista, denotando um anticolonialismo romântico e eufórico pelo que era visto como exótico, o qual teve profunda influência sobre a antropologia cultural.

Para Ortiz (1994, p.21), a categoria de cultura (na forma oposta à civilização) vai propiciar que os antropólogos possam compreender as diferenças entre os povos e dar conta da “pluralidade dos seus modos de vida e de pensamento”. No entanto, a “culturalização” dos “outros povos” não esvazia de sentido a noção de civilização, mas reforça o vácuo entre o pretensamente “civilizado” e o “exótico”. O que os idealistas viram como cultura “orgânica” no mundo “primitivo” era uma forma de criticar a realidade de sua própria cultura, mas, como consequência, acabam por reiterar as diferenças entre o “orgânico” e o “civilizado”. Assim, numa virada semântica, a “cultura” passa a significar o modo de vida dos “outros”.

Herder propõe pluralizar o termo “cultura”, falando das culturas de diferentes nações e períodos, bem como de diferentes culturas sociais e econômicas dentro da própria nação e períodos, bem como de diferentes culturas sociais e econômicas dentro da própria nação [...] Embora as palavras “civilização” e “cultura” continuem sendo usadas de modo intercambiável, em especial por antropólogos, cultura é agora mais tribal do que cosmopolita, uma realidade vivida em um nível instintivo muito mais profundo que a mente, e, assim, fechada para a crítica racional (EAGLETON, 2005, p.25).



A ambiguidade da noção de cultura entre fato e valor e entre posições descritivas ou normativas desembocará, segundo Eagleton (2005), na noção de relativismo cultural. A inserção antropológica, que muda de um tom evolutivo para um sentido descritivo nas análises sobre os diferentes povos, acompanha essa “horizontalização” da visão da cultura dos diferentes grupos humanos como fato. Para o autor, essa euforia pós-moderna sobre o pluralismo cultural traz o problema de aceitar “generosamente” formas de cultura que vão contra direitos universais.

A crítica pós-moderna inova a análise sobre a cultura porque foca esta, não sobre o conteúdo que cada cultura comporta, mas sobre a forma como se configura. Para esta abordagem, não é possível “avaliar” as culturas porque quaisquer que fossem os critérios de avaliação eles sempre estariam comprometidos com o “lugar” da avaliação e, assim, só veriam com positividade aspectos semelhantes à cultura própria.

Para WILLIAMS (1992, p.11), o ponto nodal da noção de cultura em nossos dias é que ela oscila “entre uma dimensão de referência significativamente global e outra, seguramente parcial”. Dessa forma, pode-se notar que há uma coexistência da noção de cultura como “cultivo ativo da mente”, portanto um desenvolvimento individual do intelecto humano, com a noção antropológica de cultura como “modo de vida global” de um grupo social. Para o autor, há duas formas principais de entender a cultura, as quais são acionadas de acordo com uma dada convergência de interesses, seriam eles:

(a) ênfase no espírito formador de um modo de vida global, manifesto por todo o âmbito de atividades sociais, porém mais evidente em atividades “especificamente culturais” – uma certa linguagem, estilos de arte, tipos de trabalho intelectual; e (b) ênfase em um ordem social global no seio da qual uma cultura específica, quanto à estilos de arte e tipos de trabalho intelectual, é considerada produto direto ou indireto de uma ordem primordialmente constituída por outras atividades sociais. (WILLIAMS, 1992, p. 11)

O autor também aponta que na contemporaneidade houve uma convergência dos dois sentidos de cultura, o que proporcionou a sua ampliação e o entrelaçamento dos mesmos entendendo não apenas arte como cultura, mas também uma série de outras práticas significativas. Essa relação entre os sentidos se faz presente nas análises sociológicas sobre a cultura e, no que se costumou chamar de “estudos culturais”, perfazendo um novo ramo na sociologia.

A nova sociologia da cultura pode ser vista como a convergência e, até certo ponto, a transformação de duas nítidas tendências: uma, dentro do pensamento social geral e, portanto, especificamente da sociologia; outra, dentro da história e das análises culturais (WILLIAMS, 1992, p.14).

O autor nos mostra que a sociologia contribuiu com os estudos sobre cultura através do método observacional que dirigia suas análises para três âmbitos das manifestações na comunicação: instituições, conteúdo e efeitos. Numa tradição alternativa aos estudos observacionais (que se deu principalmente no âmbito das análises críticas do marxismo) houve uma convergência entre teorias sociais da cultura e teorias ligadas aos estudos filosóficos e históricos da arte. Esta tradição se dividia em três ênfases de análise: sobre as condições sociais na arte, sobre material social nas obras de arte e sobre relações sociais nas obras de arte.

Para Williams (1992), estas análises originárias do marxismo tendem a determinar a produção cultural a partir das condições sociais/materiais que permitem a produção de arte. O autor reconhece que não se pode desprezar os estudos que vinculam a cultura às suas condições de desenvolvimento, mas alerta que esta abordagem traz o problema de não poder explicar como contextos e bases, *a priori* comuns, podem desenvolver tipos de produção cultural distintos. Como alternativa, o autor propõe que se analise a forma, a situação conjuntural que preexiste à produção cultural. Isso significa que, para Williams (1992), importa estudar o conjunto de processos concretos que dão origem a uma determinada cultura.

Quanto à presença dos elementos sociais e das relações sociais nas artes, Williams (1992) percebe uma mudança na abordagem sobre um “reflexo”, uma incorporação direta do social na produção cultural, que passa à chamada “mediação”. Essa “pode referir-se primordialmente aos processos de composição necessários, em um determinado meio; como tal, indica as relações práticas entre formas sociais e artísticas” (WILLIAMS, 1992, p.23). Assim, a obra de arte passa a ser vista, não como reflexo de um padrão, mas como o resultado de um campo de tensões.

A crítica de Ortiz (1994) ao pensamento de Wallerstein<sup>1</sup> também demonstra um ponto de vista análogo. Para Ortiz, a perspectiva de Wallerstein, além de ser funcionalista, não deixando margem para a ação individual, é também economicista, reduzindo cultura à esfera ideológica do capitalismo. Esta visão tem por base uma associação direta entre as estruturas econômicas da globalização (as quais sugerem uma unicidade em termos de um sistema-mundo) e a reprodução de uma suposta “cultura-mundo” como superestrutura da primeira. No entanto, para Ortiz (2004, p. 26), a dinâmica econômica global não determina todas as formas de produção cultural que se dão em seu âmbito, considerando que “uma cultura mundializada não implica o aniquilamento das outras manifestações culturais, ela coabita e se alimenta delas”.

Para Ortiz (1994), a crença em que o capitalismo levaria a um sistema-mundo

---

<sup>1</sup> Em referência a: WALLERSTEIN, Immanuel. **Geopolitics and Geoculture**. Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

uniformizado, em termos de cultura, desconsidera a crítica pós-moderna sobre os grandes relatos e sobre uma teleologia comum dos grupos humanos. Seria mais sensato entender a mundialização como totalidade, no sentido de que a cultura mundializada se daria como um processo de disputas em diferentes níveis (étnico, local, nacional) entre os atores sociais em que essa totalidade negocia formas de inserção e adaptação com esses níveis, remodelando as suas particularidades, mas também sendo remodelada por elas.

A globalização também muda os sentidos de cultura através do processo analisado por Yúdice (2004) em que a cultura é absorvida por uma racionalidade econômica e é estrategicamente agenciada como recurso para a captação de investimentos na área. A cultura como recurso está amplamente ligada à positividade com que têm sido vistas as políticas em torno da promoção da visibilidade, da diversidade e do multiculturalismo. O autor também nos mostra que as agências financiadoras não parecem dispostas a liberar créditos para a realização de produções que tenham como único retorno a “cultura pela cultura”. Assim, o conceito foi reconfigurado para conotar um sentido de desenvolvimento humano, isto é, a cultura passa a representar um investimento que pode trazer retornos em outras áreas como educação e cidadania.

## 2 | CULTURA POPULAR

A noção de cultura popular é vista por Martin-Barbero (2004) a partir da comunicação. Para o autor, a comunicação alternativa ou popular não pode se dar somente através dos meios massivos de comunicação, é necessário que se faça à parte desses núcleos de dominação para que possa de fato ser veículo das práticas e aspirações do grupo que representa.

No entanto, Martin-Barbero (2004) alerta para os sentidos que o “popular” contém em si e para sua heterogeneidade. O autor aponta duas ênfases em que o popular é visto. Por um lado, o popular é representado como memória de outras estruturas econômicas e culturais que são negadas pelo atual sistema-mundo. O lugar dessas práticas seria o mundo rural e espaços específicos do mundo urbano onde se reproduzem discursos e lógicas de resistência ao capitalismo e de organização de identidades sociais específicas. Assim, essa memória popular é significativa, não pela nostalgia que engendra, mas pela lógica de conflito de classes que constantemente reatualiza.

No outro lado, encontra-se o que Martín-Barbero chama de “popular-maciço” que nega a mediação histórica do popular e é, também, a negação do próprio popular no sentido que o torna homogêneo, furtando a ele o que tem de mais “essencial” que seriam as particularidades e as diferenças.

A cultura maciça é negação do popular na medida em que é uma cultura produzida para as massas, para a sua massificação e controle, isto é, uma cultura que tende a negar as diferenças verdadeiras, conflitivas, reabsorvendo e homogeneizando as identidades culturais de todo tipo (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 121)

O autor nos mostra que o popular e o maciço se diferenciam e se relacionam de forma complexa. Martin-Barbero (2004), nos apresenta os processos em que o maciço se apropria de elementos do popular e se constrói a partir de fragmentos desconexos do mesmo forçando um “gosto cultural” homogeneizado nas massas e, de certa forma, forçando a própria massificação dos receptores dessas produções, sobrepondo-se ao que o popular tem de mais fundamental, as particularidades e os processos de identificação. O maciço se coloca em relação ao popular, ora extraindo dele elementos para se configurar, ora projetando no popular representações massificadas. Mais que criar identificação com os receptores, a comunicação maciça tende a formar uma comunidade e um imaginário de massa que reproduzirá e recepionará constantemente suas produções. “O maciço é, também, mediação histórica do popular, porque não só os conteúdos e as expressões populares, mas também as expectativas e os sistemas de valores, o ‘gosto’ popular, estão moldados pelo maciço” (MARTIN-BARBERO, 2004, p.121).

Para o autor, a comunicação popular é aquela que põe a nu os conflitos e a arena em que os diferentes poderes e expressões culturais realizam seu encontro e negociam suas representações. É a partir da vocalização do popular que se liberam as falas dos representantes e se desfazem as configurações de homogeneização preconizadas pelo maciço.

O *popular* configura-se então como esse “lugar” desde o qual se pode historicamente abarcar e compreender o sentido adquirido pelos processos de comunicação, tanto dos que superam o nacional “por cima”, isto é, os processos-macro que o lançamento de satélites e as tecnologias de informação envolvem, como aqueles que o superam “por baixo”, desde a multiplicidade de formas de protesto “regionais”, locais, ligadas a existência negada, porém viva, da heterogeneidade cultural (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 127-8).

Popular não é a mesma coisa que “marginal”, produto da desigualdade, mas é aquela cultura que fica invisibilizada pela não-aparição da dinâmica de disputa entre as mídias dominantes e as estruturas que têm menor expressão. Além disso, o autor argumenta que há uma incapacidade dos estudiosos de cultura em apreender as especificidades do popular, uma vez que estão imbuídos de experiências outras e de algum nível, mesmo que mínimo, de etnocentrismo de classe. Esse impedimento dado pelo distanciamento entre observador e objeto faz com que o estudioso não perceba as faces paradoxais do popular que é, ao mesmo tempo, dominado pelo

maciço e produtor de resistência e formas de expressão.

Martin-Barbero (2004) também faz um resgate histórico da imbricação entre o popular e o maciço nas estruturas comunicacionais e percebe uma relação significativa entre a afirmação do popular e a emergência de alguns movimentos sociais. Para o autor, no momento do desenvolvimento do capitalismo europeu, há uma recuperação da cultura e da memória popular (por agentes e lutas) e uma transformação desses elementos em uma cultura de classe que agenciava suas tradições e modos de vida contra o processo de massificação. No entanto, ao transformar essa cultura popular em cultura de classe, evita-se o processo de massificação exógeno, mas há uma modificação que se faz desde dentro. Assim, ativa-se e destaca-se certas formas específicas em detrimento de outras com o fim de formar a unidade de classe. O mesmo efeito é visto nos processos de nacionalização, nos quais alguns elementos característicos de determinados espaços físico-sociais de um país são subsumidos para que uma gama de elementos “eleitos” realize o processo de homogeneização e de criação de identidade nacional a partir da apropriação da cultura popular pela razão do Estado. Além disso, pode-se dizer que, assim como a tecnologia, o Estado foi responsável por muito do silenciamento da cultura popular. Como afirma Eagleton (2005, p.17), “O estado encarna a cultura, a qual por sua vez, corporifica nossa humanidade comum”. Logo, é interessante para o Estado “cultivar” capacidades humanas, que nos aproximem da cidadania e nos diferenciem como humanos em relação aos outros seres e, principalmente, como cidadãos com “certos elementos étnicos e culturais” diferentes de outras nações. Nesse sentido, pode-se dizer que há uma relação ambígua do Estado com a(s) cultura(s) com que negocia: ao mesmo tempo em que agencia a diferença em relação a outras nações em prol da identificação intra-território, aniquila as diferenças internas com o mesmo fim.

No entanto, assim como há formas de se manifestar que se destacam da razão do Estado, há também formas em que o popular consegue se desvencilhar do maciço ou reverter o processo de apropriação deste. Ainda que os receptores assumam aquilo que é feito de sua cultura pela comunicação dominante, ela não está inerte e nem é o receptor é um expectador passivo. Há momentos em que a cultura popular, como memória e como produção alternativa, se aproveita do oferecimento, da visibilidade e do grande alcance da mídia expressiva para veicular suas contradições e sua não-homogeneidade. Aqui está clara a impossibilidade da noção de cultura e, logo, de cultura popular como essencial ou pura. Mesmo submetida às representações da cultura massificada, as produções e significantes populares não se desfazem ou se extenuam pela ausência. Ao mesmo tempo em que resistem a esse processo de homogeneização, reafirmam a sua especificidade ainda que seja pela apropriação reconfigurada dos moldes lançados pela produção dominante. Assim, negociam com o maciço ao engendrar uma “não-simetria entre

códigos do emissor e receptor, perfurando permanentemente a hegemonia e desenhando a figura do seu outro (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 136).

Aproveitando os vácuos da produção expressiva, a cultura popular se constrói em um conflito paradoxal com o maciço. Da mesma forma que tem algumas de suas estruturas simbólicas apropriadas por ele, ela pode usar estrategicamente esses símbolos e, principalmente, as estruturas do mercado para projetar sua diferença. Nos espaços em que conseguem se vocalizar, as produções populares também operam a mediação entre a memória e o maciço. Essas produções expõem e reatualizam o conflito entre poderes e culturas na arena da comunicação e se projetam no plano local e global.

O popular constitui hoje um espaço pressionado, atravessado pelos processos e lógicas de um mercado econômico e simbólico no qual a standardização dos produtos e a uniformização dos gestos exige uma constante luta contra a entropia; uma renovação periódica dos padrões de diferenciação (MARTIN-BARBERO).

### 3 I GALERAS, BONDES E A PERIFERIA PROJETANDO CULTURA

O exercício empenhado neste texto constitui a análise dos movimentos chamados *bondes* e/ou *galeras* sob a ótica da cultura popular e sua vocalização. *Bondes* é a nomenclatura utilizada pelos jovens da região metropolitana de Porto Alegre para a sociabilidade que configuram. O movimento, que é comum em outras cidades/capitais do Brasil, recebe, geralmente, o nome de *galera*. Trata-se de sociabilidades juvenis que se reúnem no interior dos bairros da periferia e saem em trajetos específicos pelo centro das cidades marcando brigas coletivas, disputando territórios através das pichações ou, simplesmente, circulando e entoando canções, sempre com um grande contingente de jovens, na maioria do sexo masculino, com idade entre 13 e 19 anos. Não têm envolvimento direto com o crime, embora alguns dos integrantes participem de pequenos furtos e/ou de redes de tráfico de forma intermitente, com o fim de sustentar padrões de consumo.

A origem desses grupos não é definida. No Brasil está ligada ao movimento funk e aos bailes organizados nas periferias. Pode-se dizer que este movimento tem correlatos em outros países como as chamadas *maras* (gangues de jovens centro-americanos), os *cholos*, no México e as gangues das periferias das cidades da Europa e dos Estados Unidos, todos estes inspirados em movimentos ligados ao *hip hop*. O que caracteriza as manifestações desses grupos é a relação direta com as periferias urbanas (sendo produzidas desde o contexto da periferia) de onde os grupos projetam suas ações e a associação com o conflito, por vezes, com a criminalidade que representam em algumas de suas produções.

Nesse sentido, as manifestações culturais projetadas pelas *galeras* e os

*bondes* não são típicas dos territórios de onde se organizam e nem se resumem a eles. A circulação de informações sobre as produções culturais desses grupos gera um processo visto por Burke (2010) como “circularidade cultural”, isto é, à medida que essas produções compartilham características comuns, acabam por influenciar-se mutuamente atualizando constantemente o conteúdo e a forma das sociabilidades num movimento que é interno aos grupos, mas que excede a lógica territorial. Além disso, a noção de hibridização, ainda que criticada por alguns autores<sup>2</sup>, pode nos servir para compreender como há um encontro entre essas sociabilidades tão distantes em termos de espaço geográfico. Burke (2010) coloca que a hibridização pode se dar por afinidade ou convergência, quando um grupo identifica elementos semelhantes em outra cultura e os toma emprestado para ressignificar a sua. No caso dos *bondes* e *galeras*, pode-se compreender como fundamental o empréstimo que estes fazem da “forma” cultural que as *gangues* apresentavam. Considerando que o “conteúdo” de reivindicação do espaço urbano já era preexistente, pode-se dizer que há uma apropriação da representação (visibilidade) das *gangues* ao conteúdo que os *bondes* e *galeras* desejam configurar (potência).

Podem ser vistas como traduções ou produções “mestiças” no sentido de que reúnem elementos das *gangues* e *maras*, mas organizam essa sociabilidade com moldes locais reatualizando elementos da cultura popular. Como nos mostra Martin-Barbero (2004), uma produção ou cultura não pode ser acusada de perda da autenticidade uma vez que nenhuma cultura é pura, está sempre em contato com outras culturas e é ressignificada constantemente. Assim pode-se dizer que a experiência dessas sociabilidades juvenis engendra um processo de comunicação e negociação entre a cultura de massa e a cultura popular porque expressa a troca simbólica na sua reprodução entre os diferentes bairros da cidade.

Ainda que mantenham uma relação ambígua com a violência, os *bondes* e *galeras* parecem desempenhar um papel de mediação entre a cultura massificada que é expressa pelos meios de comunicação (inclusive sobre seus correlatos) e o bairro onde moram. Nas suas saídas, utilizam de elementos hibridizados para configurar sua movimentação e sua manifestação. Ao saírem do bairro, negam o local enquanto segregação territorial e, logo, a invisibilidade de sua cultura. No entanto, uma vez no centro, eles realizam a mediação entre a cultura massificada que é legitimada na cidade e sua especificidade cultural que é geralmente rechaçada.

As saídas em direção ao centro são geralmente combinadas pela internet, assim como a possibilidade de conflito com um *bonde* ou *galera* rival começa com

<sup>2</sup> Para Martin-Barbero (2004) o termo hibridismo é problemático porque pressupõe que para uma cultura hibridizar-se antes ela deve ser “pura”. Para Burke (2010) o termo hibridismo tem como desvantagem parecer excluir o agente individual, como se o processo se fizesse sozinho excluindo a ação dos sujeitos. Assim, o autor afirma que o conceito deve ser usado com cuidado e, no lugar dele, é preferível lançar mão das noções de “apropriação” e “acomodação” que dão ênfase ao agente e o conceito de “tradução cultural” que engendra o encontro cultural e a produção de forma hibridizadas.

provocações e toma corpo à medida que os grupos entoam cantos de exaltação à comunidade de origem e de depreciação aos grupos e bairros rivais. Dessa forma, pode-se perceber que é no bairro de origem que se gesta o movimento, configurado a partir da associação entre jovens que compartilham um espaço significado.

O espaço social onde melhor se expressa o sentido da dinâmica que, desde o popular, dá forma a novos movimentos urbanos é o bairro, enquanto território do lançamento da resistência e da criatividade cultural (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 146).

No bairro, ou referenciados nele, os jovens reatualizam as ações dos movimentos que aparecem nas redes de comunicação de forma maciça ou alternativa, mas que influenciam novas formas de sociabilidade no interior das comunidades periféricas. Esses jovens perfazem um processo de tradução ao configurar uma sociabilidade que combina elementos exteriores e massificados (como as roupas, a forma de impostar o corpo e a própria performatividade da circulação) com elementos locais como a exaltação de certas pessoas e espaços dos bairros de origem através das músicas que entoam. Utilizam-se de significantes que conhecem pela mídia e transformam a identificação com essas manifestações em um elemento cultural de resposta e resistência às pressões e estigmatizações sofridas em relação ao centro e aos bairros nobres das cidades.

O bairro se constitui assim, num mediador fundamental entre o universo privado da casa e o mundo público da cidade, proporcionando algumas referências básicas para a construção de um “nós”, de uma “socialidade” mais ampla que a familiar e mais densa e estável que a imposta pela sociedade (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 147).

É a partir da formação do *bonde* ou *galera* e do seu contato, mesmo que conflitivo, com os outros moradores da cidade que elaboram o processo de produção de uma identidade comunitária que os permita interagir com as demais identidades territoriais e culturais.

É na sua saída para o centro que está o objetivo da ação, mas é no confronto entre os grupos que se dá o ápice da manifestação. No confronto, os jovens representam a comunidade em que estão inseridos, a performatividade pública dos jovens (principalmente do sexo masculino) está associada a uma defesa da sua comunidade, como se a virilidade exposta na briga fosse correlata da soberania do bairro. A virilidade é empenhada na briga também em resposta à segregação territorial que esses grupos sofrem pelos grupos territorializados no centro. Dessa forma, o conflito se dá em relação aos rivais, mas principalmente, em relação ao que é exógeno à lógica desses grupos.

É no conflito que os jovens da periferia mostram a potência que as suas comunidades têm e forçam uma interação com os demais públicos ampliando os



espaços onde possam trocar experiências e configurar sua cultura. Nesse sentido, a ação desses grupos pode ser vista como análoga a dos grupos que saem às ruas reivindicando direitos. Sublimada através dos cantos e das pichações, a vocalização quase violenta desses sujeitos pode ser uma estratégia de exigir reconhecimento social e visibilidade para suas formas de manifestação cultural.

A inserção que os movimentos fazem do protesto e da luta no espaço cultural e na vida cotidiana não é pois mera camuflagem tática nem ingenuidade política, mas abertura a uma socialidade nova, mais ampla e menos dividida (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 149).

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Forçar o conflito no centro é a forma mais rápida e eficiente que os jovens da periferia encontram para obter um espaço, mesmo que depreciativo, nos veículos de comunicação de massa (dos quais estão excluídos) e nas redes sociais das quais participam amplamente. A cada grande briga organizada no centro, espera-se que o nome dos grupos e da comunidade de origem saia em alguns dos jornais da cidade contando sobre o conflito. Dessa forma, perfuram o silenciamento que existe sobre a cultura jovem da periferia e oficializam sua existência na cidade ampliando seus espaços de sociabilidade. Se não sai nada na grande imprensa, os próprios grupos tratam de lançar, nas redes sociais, comentários sobre a ação para que, pelo menos dentro da sociabilidade dos bondes e dentro dos bairros onde moram, as suas manifestações ganhem certo destaque.

A luta contra a injustiça é, ao mesmo tempo, luta contra discriminação social e a exclusão cultural, o que equivale à construção de um novo modo de ser cidadão que possibilita a cada homem e a cada grupo se reconhecer nos demais, condição indispensável da comunicação (MARTIN-BARBERO, 2004, p.156).

Nesse sentido, pode-se associar essas manifestações aos novos movimentos sociais e à perspectiva de uma cultura mundializada traduzida para o contexto popular da periferia local quando pensamos que a ação desses jovens descentra a lógica e a dinâmica cultural da cidade reivindicando novos espaços de produção e expressão cultural da periferia que se faça desde o território dela, mas se estenda ao centro, onde encontra visibilização.

#### REFERÊNCIAS

BURKE, P. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo, Editora UNISINOS, 2010. Coleção Aldus.

EAGLETON. T. **A ideia de cultura**. São Paulo: EDIUNESP, 2005.

MARTIN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo; travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

ORTIZ, . **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura, usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

WILLIAMS, R. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

América latina 29, 31, 32, 34, 45, 46, 47, 48, 49, 54, 90, 92, 104, 105

Arqueologia Etnográfica 57, 58

Audiovisual 79, 80, 82, 86, 87

Autonomia cultural 33, 34

### B

Brinquedo de cura 1, 4, 5, 6, 7, 9, 13

### C

Colonialismo 31

Comunidade 1, 4, 8, 9, 11, 12, 21, 25, 26, 34, 35, 53, 59, 60

Comunidades tradicionais 2, 14, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 66

Conflito 16, 20, 23, 24, 25, 26, 92

Consumo cultural 90

Cosmologia 55, 61

Cultura 2, 2, 3, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 32, 34, 36, 39, 40, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 94, 102, 103, 104

Cultura material 62, 64, 65, 66, 67

Cultura midiática 79, 80, 81, 83

Cultura popular 3, 16, 20, 22, 23, 24

Culturas diferenciadas 30

### D

Desenvolvimento local 32, 36, 37, 42, 44

Desenvolvimento sustentável 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35

Direito à diferença 29

Direitos humanos 33, 34, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 53, 54, 105

Discurso universalista 30

### E

Ecosistemas 2, 3, 15

Educação 12, 14, 15, 20, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 78, 105

Estados multiculturais 29

Etnodesenvolvimento 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35

## **F**

Feira agroecológica 36, 37, 43

Fronteiras 44, 79, 80

## **H**

Hibridização 16, 24

## **I**

Identidade nacional 22, 89, 94, 98, 102

Identidades culturais 21, 89, 90

Imaginário 3, 8, 21, 60, 62, 63, 82, 89, 94, 100

Interculturalidade 49, 54

## **M**

Manguezais 1, 2, 3, 5, 6, 9, 10, 14, 15

Memória 13, 20, 22, 23, 58, 60, 62, 66, 67, 68, 69, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 91, 95, 98

Mercados alternativos 38

Mídia 22, 25, 79, 80, 81, 86, 87, 88, 91, 98, 99, 100, 103, 105

Migração 43, 52, 54

Morte 51, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 84, 91, 92

Multiculturalismo 20, 46, 47, 49, 50

## **N**

Nações indígenas 56, 66

Narrativas 3, 55, 58, 59, 62, 66, 79, 80, 81, 83, 88, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 102

Narrativas orais 55, 58, 59

Neocolonialismo na educação 49

## **P**

Paradigma da complexidade 47

Paulo Freire 49

Periferia 16, 23, 25, 26, 105

Práticas materiais e simbólicas 55

Processo de produção 25, 42, 43

## **R**

Relações de produção 41

Relações interétnicas 65

Relações sociais 19, 36, 37, 41, 42, 50

Religião afro-brasileira 2, 11, 13

Representações sociais 2, 1, 3, 8, 12, 14, 15, 89, 90

Ribeirinhos 33, 55, 56, 57, 59, 60, 63, 64, 65




## **T**

Tambor de mina 1, 2, 3, 4, 6, 9, 11, 13





Televisão brasileira 89, 90, 91, 94, 95, 97, 98, 100, 103

Tempo 8, 10, 21, 22, 26, 40, 52, 53, 58, 61, 64, 69, 71, 76, 78, 80, 82, 83, 84, 85, 88, 94, 97, 99, 102

Territórios sagrados 62, 64

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)   
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)   
@atenaeditora   
[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)   
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)   
@atenaeditora   
[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 2